

BC formaliza hoje flutuação do câmbio

Governo também poderá intervir na cotação do dólar e adotar novo sistema de banda

GERSON CAMAROTTI,
RIBAMAR OLIVEIRA
e VÂNIA CRISTINO

BRASÍLIA – O governo vai deixar o câmbio flutuar livremente, quando o mercado abrir hoje, e a intervenção do Banco Central se resumirá àquela feita pelas autoridades monetárias de outros países: venderá dólares para não deixar que a cotação supere o nível que considera adequado.

O novo regime cambial do País, que será anunciado hoje pela manhã pelo presidente interino do Banco Central, Francisco Lopes, será semelhante ao adotado em nações desenvolvidas. Nesses países, a moeda é comercializada livremente e sua cotação flutua de acordo com a lei da oferta e da procura. Mas cada banco central trabalha com uma taxa de câmbio que considera a mais adequada para a economia. Essa taxa é um segredo de Estado e não é revelada para o mercado. Toda vez que a cotação da moeda local chega perto da taxa de câmbio com que o BC trabalha, a

autoridade monetária passa a comprar a moeda do país.

O ministro interino da Fazenda, Pedro Parente, negou, no entanto, as especulações que o governo vá trabalhar hoje com uma "banda implícita" ou "banda informal" para o dólar. "O novo regime cambial brasileiro será explicitado hoje pelo Banco Central, antes da abertura do mercado, em nota oficial", disse Parente. A afirmação do ministro interino da Fazenda não poderia ser diferente

porque, em nenhum país do mundo, o governo revela a cotação do câmbio que detonará a ação do Banco Central na venda de dólares.

Um importante assessor da área econômica disse que o novo regime cambial brasileiro pressupõe que as políticas fiscal e monetária sejam usa-

das em sua plenitude. Com o câmbio livre, os investidores ficarão atentos ao desempenho das contas públicas. A percepção do mercado da existência de um desequilíbrio fiscal poderá levar a moeda do País a novas desvalorizações ou até mesmo à ameaça de novo ataque especulativo.

O Banco Central também terá, segundo explicou o mesmo informante, de atuar de forma mais rigorosa com sua política



Lindaura Gomes/AE

Pedro Parente: novas normas para o câmbio saem oficialmente hoje

monetária. A sustentação do mercado de taxas livres de câmbio pressupõe que o BC possa elevar as taxas de juros para inibir os investidores a especular contra a moeda. Isso não foi feito durante o anúncio da mudança do alargamento da banda cambial, na quarta-feira da semana passada.

Não há um consenso no mercado, no entanto, sobre qual será o novo regime cambial do País a médio e longo prazo. Embora a maioria dos analistas acredite que hoje o governo deve deixar a cotação livre, pois a taxa de equilíbrio do real em relação ao dólar ainda não foi encontrada, um ex-integrante da equipe econômica acredita que, a médio prazo, o BC poderá reu-

tilizar a política de banda cambial.

A idéia dessa fonte é que, depois que a taxa de equilíbrio tiver sido encontrada, o Banco Central criará uma banda cambial mais realista. Na sua avaliação, o regime de câmbio livre poderá durar alguns dias ou até mesmo algumas semanas. Mas, depois, o BC retomará o sistema de bandas.

"A livre flutuação cria incertezas grandes demais para exportadores e importadores e, por causa disso, precisamos ter alguma regra de intervenção", afirmou a fonte. "A flutuação cria inflação, que traz a necessidade de uma desvalorização adicional e o risco é o Brasil entrar novamente num processo

de reindexação da economia", explicou.

O ex-integrante da equipe econômica lamentou que, no ponto de partida da nova política cambial, ou seja, no alargamento da banda, o BC não tenha tido condições políticas o suficiente para também dar um novo aumento de juros. "Isso teria evitado a fuga de dólares da quinta-feira", dia em que saiu do País US\$ 1,7 bilhão.

Expectativas – As expectativas do mercado para hoje são as mais desencontradas. "Não dá para prever nada a partir do movimento da sexta-feira", disse um operador de plantão no banco, acompanhando as notícias. "Nada do que aconteceu na sexta pode servir para indicar um tendência." A justificativa é clara: após quatro anos de rígido controle cambial, a principal reivindicação do setor produtivo era uma desvalorização do real para aumentar a competitividade das exportações.

A retirada desse entrave provocou um espasmo de euforia nos mercados: a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fechou na sexta-feira com a segunda maior alta de sua história, 33,4%, na expectativa de que o dólar mais caro vai diminuir a pressão da concorrência internacional e aumentar as exportações, elevando o lucro das empresas.

Passada a alegria inicial, o mercado vai sentar e cautelosamente fazer e refazer as contas, observando minuciosamente o passivo das empresas. As

preferidas dos pregões serão as que têm poucas dívidas em dólar (que aumentaram 20% nominais desde a semana passada) e um fluxo sólido de dólares para dentro de seu caixa. As que, ao contrário, tiverem elevados endividamentos em dólar e receitas apenas em reais, poderão ter problemas à frente. "O crédito vai continuar caro e as dívidas crescerão: é tudo o que não se recomenda num cenário de recessão à frente", disse um analista de um grande banco. As contas do mercado podem resultar em uma queda acentuada na Bovespa, prejudicando ainda mais as expectativas.